

Haddad vai defender tributação de 'super-ricos'

Objetivo é lançar uma proposta consolidada e buscar apoio de outros países. Ministro estará em Washington na semana que vem, para encontros do G20 e do FMI, onde também falará sobre a Aliança Global contra a Fome e a Pobreza

RENAN MONTEIRO
em Washington, D.C.

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, vai defender na semana que vem, em Washington, a agenda de tributação da riqueza sobre os mais ricos, uma das prioridades do Brasil. Ele vai participar dos encontros do G20, grupo que reúne as maiores econo-

mias do mundo, que ocorrerão dentro da chamada Reunião de Primavera do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial.

O Brasil, que detém a presidência rotativa do G20 até novembro deste ano, vai lançar uma proposta consolidada para tributar os "super-ricos". Os detalhes ainda estão sendo trabalhados, mas a premissa é

de progressividade na tributação. Ou seja, cobrar mais de quem tem maior renda.

Para tratar da tributação internacional, Haddad participa, no dia 17, de evento com a diretoria-gerente do FMI, Kristalina Georgieva, e o ministro de Finanças da França, Bruno Le Maire, entre outros. O objetivo do ministro é mostrar que a agen-

da de tributação dos super-ricos não é uma prioridade só do Brasil.

Haddad também vai defender a Aliança Global contra a Fome e a Pobreza, iniciativa do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A ideia é mobilizar lideranças internacionais em torno do tema.

A adesão à aliança, lançada em setembro do ano pas-

sado, está aberta não somente aos membros do G20, mas a qualquer país interessado. Seu escopo inclui a busca de financiamento para programas sociais voltados à redução da pobreza.

A Aliança Global ainda não tem modelo de financiamento e organização definidos. Por ora, a avaliação é funcionar como um mecanismo pa-

ra mobilizar recursos financeiros e canalizar ações para as regiões que mais precisam.

Para discutir o tema da fome, a agenda de Haddad inclui a participação em evento com a diretoria da Agência Americana de Desenvolvimento Internacional, Samantha Power, presidente do Banco Mundial, Ajay Banga, e ministros de vários países.

Brasil tem 2ª maior taxa de pobreza, atrás apenas da Índia

Pesquisa aponta desemprego alto e baixo índice de conclusão do ensino médio



CAROLINA NALIN, BRUNO ALFARO
e FÁBILA DIAS
em Washington, D.C.

O Brasil amarga a segunda pior posição no G20, que reúne as maiores economias do mundo, quando se trata de população vivendo abaixo da linha da pobreza. Cerca de 3,5% dos brasileiros eram extremamente pobres em 2022. Está atrás apenas da Índia, cuja taxa era de 12,9% em 2021, último dado disponível.

E o que mostram os dados divulgados ontem no Rio de Janeiro, na publicação "Criando sinergias entre a Agenda 2030 e o G20: Caderno Desigualdades". O estudo re-

laciona sete indicadores globais dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU. No tema pobreza, porém, só há dados para nove países do G20.

O Brasil detém a presidência rotativa do bloco este ano. O objetivo do estudo do IBGE é oferecer subsídios às discussões que ocorrerão na cúpula de líderes, em novembro.

HOMICÍDIOS: EM TERCEIRO

O Brasil registrou queda na propensão de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza, de 5,8% em 2021 para 3,5% em 2022. A Índia, em terceiro no ranking, também recuou, de 12,9% para 12,5%.

Na outra ponta, a França tinha apenas 0,1% da população vivendo abaixo da linha de pobreza, enquanto nos EUA e no Reino Unido essa proporção era de 0,2% em 2021.

— Isso mostra a desigual-

dade entre os países do G20 — diz Denise Kronemberger, gerente de Relações Institucionais do IBGE.

A pesquisa usa como referência a linha de pobreza definida pelo Banco Mundial. Considera-se pobre quem vive com menos de US\$ 6,85 por dia, e extremamente pobre quem vive com menos de US\$ 2,15 por dia.

O diretor do FGV Social, Marcelo Neri, avalia que a pobreza no Brasil deve ter recuado ainda mais em 2023, graças à melhora na renda, à valorização do salário mínimo e ao aumento da Bolsa Família. Ele estima que a renda real domiciliar per capita saltou 12,5% no ano passado.

Para Neri, por estar à frente do G20, o Brasil teria uma janela de oportunidade para discutir formas de reduzir a desigualdade e a pobreza. Daniel Duque, economista e pesqui-



Desigualdade. O dado saliente de Brasília: 3,5% vivem abaixo da linha de pobreza no país, diz IBGE. Na Índia, são 12,9%

sador do FGV Ibre, concordou: — Há muitos anos (o Brasil) se coloca como impulsor de uma agenda que pode beneficiar diversos outros países do Sul Global.

A pesquisa divulgada ontem mostrou ainda que o Brasil tem a quarta maior taxa de desemprego do G20 entre homens na faixa de 15 a 24 anos. O índice é de 17%, atrás apenas de África do Sul (46%), Itália (22%) e França (19%).

No caso das mulheres de 15

a 24 anos, a taxa brasileira é de 24,7%, a quinta maior.

Outro dado preocupante diz respeito à educação. O Brasil tem uma das menores taxas de conclusão do ensino médio do G20, com 73,3%. Está acima apenas de Indonésia, Argentina, África do Sul e México. A pesquisa ressaltou que "em 2021, nenhum país do G20 havia alcançado a cobertura universal de conclusão do ensino médio".

O relatório apontou tam-

bém que o Brasil tem a terceira maior taxa de homicídio entre 15 dos membros do G20 (não havia dados comparáveis para todos) em 2021. Entre homens, a taxa é de 39,55 por 100 mil habitantes, e entre mulheres, de 3,53.

O Brasil só ficou atrás de África do Sul (72,04 para homens e 10,67 para mulheres) e México (50,54 e 6,17, respectivamente). A menor taxa é a do Japão: 0,25 (homens) e 0,21 (mulheres).

País tem forte participação feminina em cargos gerenciais

No G20, Brasil é o terceiro. Já em representação no Congresso, é o 2º pior

CAROLINA NALIN, ANDRÉ
ZAJENWEBER e FÁBILA DIAS
em Washington, D.C.

A proporção de mulheres em cargos de liderança no Brasil (38,8%) superou a média dos membros do G20 (30,58%), mostraram dados divulgados ontem pelo IBGE no Rio. O país ficou em terceiro no ranking, atrás apenas da Rússia e dos Estados Unidos, com taxas de 46,2% e 41,4% em 2021, respectivamente.

Na política, no entanto, o Brasil não está bem na foto. Tem a segunda pior representatividade de mulheres ocupando assentos em Parlamentos entre os membros do G20, com apenas 14,8%. Só o

Japão tem uma desigualdade maior de gênero, com 9,7%. O país com menor desigualdade no Parlamento é o México. O Congresso da União, como é chamado, tem a mesma ocupação entre homens e mulheres: 50%. De pois vêm África do Sul e Argentina (veja gráfico ao lado).

SEM CONTAR INFANTILIDADE

O Japão também tem pouca representatividade feminina em cargos de gerência. Com 13,2%, é o pior colocado no ranking.

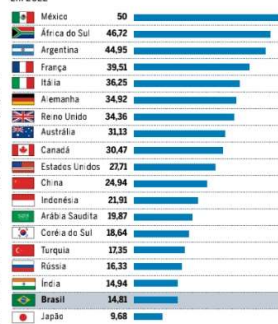
Nesse ponto, o Brasil, um país de renda média, está melhor que Alemanha (29,2%), França (37,8%) e Canadá (35,6%).

A pesquisa considera o ano de 2021 porque este é o período mais recente para dados comparáveis entre os países do G20. Os dados são coletados a partir de Banco Mundial, ONU e Unesco e fazem parte da publicação "Criando sinergias entre a Agenda 2030 e o G20: Caderno Desigualdades", que reúne sete indicadores globais dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU.

Com relação à forte representatividade feminina em cargos de gerência, Daniel Duque, economista e pesquisador do FGV Ibre, avalia que é preciso analisar os dados com cautela, pois fo-

PROPORÇÃO DE ASSENTOS OCUPADOS POR MULHERES EM PARLAMENTOS NACIONAIS (%)

Em 2022



Fonte: IBGE

ram consideradas apenas empresas, e o Brasil tem um contingente elevado de trabalhadores informais.

— A Alemanha é um país com informalidade quase zero. Por isso, há uma diferença entre países que estão contabilizando todos os empregados e países que estão contabilizando apenas os três quartos dos empregadores (como o Brasil).

Na Alemanha, a taxa de informalidade entre mulheres é de apenas 4,61%, contra 36,08%, de acordo com a pesquisa. Os maiores índices são registrados na Índia (91,32%) e na Indonésia (81,88%).

Já Scarlett Rodrigues, coordenadora de projetos em direitos humanos do Instituto Ethos, questiona qual é a proporção de mulheres negras nos dados sobre postos gerenciais:

— Temos uma grande presença de pessoas negras e mulheres no país. Será que elas estão incluídas nessa porcentagem?

G20 no Brasil

UMA INICIATIVA DO GLOBO Valor CBN

A MELHOR COBERTURA DO G20 ESTÁ NAS PLATAFORMAS DO GLOBO, VALOR E CBN

ACCESSE E FAÇA POR DENTRO DE UM MINUTO O QUE ACONSELHA NO G20.

SETORES PARTICIPANTES

GOVERNOS DO BRASIL, GOVERNOS DO RIO DE JANEIRO

ORGANIZADORES

GLOBO, JBS

REALIZAÇÃO

GLOBO, Valor, CBN